

**O LABIRINTO
DO ESCRITOR**

Leilac Leamas

© 2024 OCTÁVIO VIANA | SILENT PEN ®
O LABIRINTO DO ESCRITOR

Publicado nos EUA
Primeira impressão 2024 (1.ª Edição)
Referência Interna SP2024.030 17.11.2024 21:41
silentpenltd@gmail.com

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou outros métodos eletrônicos ou mecânicos, sem a permissão prévia por escrito do editor, exceto no caso de breves citações incorporadas em análises críticas e alguns outros usos não comerciais permitidos pela lei dos direitos de autor.



*Para os Escritores das Próprias Vidas,
Não Meros Espectadores,*

Este livro é dedicado aos audaciosos que enfrentam as complexidades da vida escrevendo os seus próprios destinos. Aos que entram nos labirintos dos desafios não como meros observadores, mas como arquitetos do seu fado. Aos que comandam as suas narrativas e acendem as tochas da mudança para todos os que os seguem.

Prólogo

A Sicília no inverno tem um encanto próprio. Os turistas fogem, deixando para trás uma beleza crua que ressoa com a minha alma. Perto de Scopello, as praias ficam desertas, como um reino não reclamado à espera do seu governante. Visitei a casa naquele dia, aquela tão perfeitamente posicionada na beira do penhasco, com vista para a vasta extensão do Mediterrâneo. O sol brincava com as sombras, lançando padrões serenos nas paredes desbotadas e de pastel. Eu queria aquela casa, desesperadamente. Mas tinha aprendido na minha profissão que o desespero é um cheiro facilmente detetável e explorável.

Percorri as divisões com um desinteresse treinado, tocando nas superfícies levemente, mal olhando para a vista que, sem dúvida, se vendeu muitas vezes perante mim. A agente imobiliária, uma mulher mais velha com cabelo tão branco como as ondas espumosas, falava incessantemente sobre as renovações e o valor histórico. Eu acenava distraidamente, calculando, sempre a calcular.

Ao sair para o terraço de pedra, respirei fundo. O ar era uma mistura do *spray* salgado do mar e a mordida fria do inverno. Por um momento, senti-me em paz, imaginando o meu futuro naquela casa perfeita.

Senti uma presença atrás de mim e o meu coração saltou de antecipação. Virei-me lentamente, com um sorriso já a formar-se e a excitação a crescer por dentro. Aquela era a pessoa com quem eu

queria partilhar aquele momento, a única que entenderia o significado daquele lugar.

“Não é lindo?” Comecei, com as palavras quase a saírem, mas algo me fez hesitar. O silêncio era pesado e percebi que algo estava errado. O meu sorriso vacilou ligeiramente enquanto me virava completamente, esperando um rosto familiar, uma presença reconfortante.

Mas o sorriso congelou, depois tremeu. Diante de mim não estava a pessoa que eu esperava. Em vez disso, era um homem com feições brutas mas régias, como uma figura de um filme da máfia. O seu fato preto estava impecável, a camisa aberta revelava um colar de prata com a imagem de Saint Michael. O santo, o protetor, parecia quase a gozar naquele contexto.

A realização atingiu-me como uma onda fria e a visão pacífica do meu futuro desfez-se num instante.

“Leilac,” disse ele, com a sua voz afiada como aço. “Tens uma dívida a pagar e agora, com juro. Fizemos o trabalho e não nos importa se ainda é útil para ti.”

1

Dívidas do Labirinto

Palermo, Sicília

O bilhete na minha mão era de um rosa pálido, quase suave contra o frio cortante de novembro que penetrava por Palermo. “Le Grand Macabre,” lia-se numa letra delicada, junto com uma data: 24 de novembro de 2024. Palco Bellini. Teatro Massimo.

Fiquei a olhar para ele um pouco mais do que deveria, sabendo muito bem que a ópera que me esperava lá dentro era o menor dos meus problemas. Dobrei o bilhete com cuidado e coloquei-o no bolso do peito. À minha frente, o Teatro Massimo erguia-se como uma magnífica relíquia de outro tempo, a sua fachada era banhada pelo brilho dos candeeiros da rua, dominando a Piazza Verdi. A grandiosa escadaria estendia-se em direção aos céus. Os degraus de mármore desgastados pelo tempo e pelos passos de inúmeras almas, brilhavam sob os pés da elite de Palermo, toda em joias cintilantes e fatos bem cortados, enquanto ascendiam como se tivessem o direito divino de estar ali.

A multidão era exatamente como se esperaria: alta sociedade e as pessoas que fingem pertencer a ela. Mulheres envoltas em seda e pele, homens com lapelas impecáveis e um ar de indiferença

ensaiada e *sprezzatura*. Não pude deixar de sorrir ao olhar para o meu Montblanc—19h53. Quase na hora.

Ajustei o meu casaco, um fato escuro e elegante—o tipo que eu reservava para encontros onde as aparências importavam mais do que o que realmente era dito. O tipo de multidão onde todos entendiam as regras sem que fosse necessário explicitá-las. Com uma respiração profunda, encaminhei-me para a entrada, com o som suave dos meus sapatos contra os paralelepípedos.

O primeiro passo na escadaria de mármore parecia pesado. Parei brevemente, como se a própria noite segurasse a minha respiração. Foi então que os notei. Ladeando-me como sombras, dois homens de fato preto, impecáveis mas de alguma forma estranhos. Os fatos não estavam mal cortados—não, ajustavam-se-lhes como uma luva. Mas eram os próprios homens. As suas faces tinham as linhas duras de homens que tinham levado muitos golpes no maxilar e distribuído o dobro. Pugilistas, ou pelo menos tinham sido em algum momento. Agora, eram outra coisa. Músculo.

Um deles inclinou-se apenas o suficiente para deixar claro que não estavam ali para perguntar sobre os meus planos para a noite. “Sr. Leamas, agradecemos que nos acompanhasse.”

Levantei uma sobancelha, mais por hábito do que surpresa. “Agradeciam, não é?”

O mais alto, de maxilar quadrado e olhos que pareciam poder partir o cimento, não esboçou um sorriso. “Por aqui.”

Olhei para cima, para o Teatro Massimo. O edifício era grandioso, até régio, mas em Palermo, nada era tão limpo quanto parecia. Nem o teatro, nem a ópera e, definitivamente, nem as pessoas à minha frente. Por muito que eu gostasse de uma boa *performance*, parecia que esta noite eu tinha um papel a desempenhar que não estava listado no programa.

“Guiem-me, cavalheiros”, disse, forçando um sorriso. Afinal, o que poderia acontecer de pior?

À medida que fui conduzido ao Palco Bellini, o peso do momento pressionava-me com uma intensidade palpável. Este não era um camarote qualquer no Teatro Massimo; o Palco Bellini, com os seus 25 metros quadrados de espaço de visualização e mais 25 para

convívio, era um santuário de exclusividade, cuja entrada era reservada apenas aos membros do antigo Clube Bellini. No interior, o ambiente era uma mistura de opulência e antiguidade. Doze cadeiras antigas, estofadas em tecido vermelho desbotado e silenciadas pela passagem do tempo, possuíam uma espécie de decadência digna.

Acomodando-me numa dessas relíquias, absorvi a grandiosidade do teatro—uma obra-prima arquitetônica que se sentia quer como a joia da coroa do patrimônio siciliano e quer como uma testemunha das suas narrativas mais obscuras. O meu olhar desviou-se novamente para o relógio. 20h01. Como se fosse um sinal, as luzes começaram a diminuir, marcando o início da ópera. Foi então que ele entrou.

“*Signor Leilac, benvenuto,*” ecoou uma voz repleta de familiaridade e autoridade.

Virei-me, reconhecendo o homem instantaneamente—o *capo* do nosso último perturbador encontro no Grand Hotel et des Palmes. Ao contrário dos seus capangas de uniforme preto, ele vestia uma camisa branca imaculada por baixo de um fato bem talhado, um contraste marcante que parecia sublinhar a sua autoridade.

Duas mulheres acompanhavam-no, cada uma uma encarnação impressionante da beleza italiana. A primeira, com cabelos castanhos esvoaçantes e olhos como azeitonas escuras, foi apresentada pelo *capo* como Isabella. A sua companheira, uma figura mais alta e imponente com uma juba de caracóis vermelhos ardentes, foi chamada de Valentina.

“*Buonasera,*” cumprimentei-as primeiro, a cortesia a ditar a sequência apesar da tensão. Virando-me para o *capo*, acrescentei, “obrigado pelo convite. É um convite impossível de recusar.”

O seu sorriso ténue não alcançou os olhos.

“Esta ópera é sobre a morte, o absurdo e a condição humana. Vai gostar certamente. Por favor, sente-se. A ópera está a começar.”

À medida que a partitura surrealista de Ligeti enchia o ar, o olhar da Isabella demorava-se em mim, curioso ou calculista, não conseguia distinguir. A ópera, “*Le Grand Macabre,*” espelhava o absurdo das minhas próprias circunstâncias, uma dança grotesca com o destino coreografada pela Cosa Nostra.

Durante o momento alto da ópera, quando Nekrotzar, o arauto do apocalipse, proclamava o fim do mundo, o *capo* inclinou-se para perto. As suas palavras, entregues num *sotto voce* que mal se elevava acima do *crescendo* da orquestra, carregavam uma borda arrepiante.

“Está a gostar?” O seu tom sugeria um divertimento mais sombrio, como se antecipasse a minha própria catástrofe pessoal.

Ele inclinou-se mais, o seu hálito marcado com o aroma de citrinos sicilianos, e murmurou, “a sua dívida comigo cresce a uma taxa de juro composta de cem por cento ao mês.”

A afirmação soou como um toque de finados, uma lembrança sombria do cenário do tabuleiro de xadrez onde um começo aparentemente benigno poderia levar a um fim avassalador. Uma dívida de um milhão de euros inflacionaria para mais de um bilião de euros após apenas 12 meses.

Lembrei-me da velha história do sábio e do rei com o tabuleiro de xadrez. O que começara como um pedido simples tinha espiralado numa dívida impossível, espelhando o meu próprio dilema com este *capo* siciliano.

A lenda conta que um sábio apresentou a um rei um tabuleiro de xadrez lindamente trabalhado. Impressionado pela beleza do presente, o rei ofereceu ao sábio qualquer recompensa que ele desejasse. Em vez de ouro ou terras, o sábio pediu algo aparentemente modesto: que o rei colocasse um único grão de cereal no primeiro quadrado do tabuleiro, dois no segundo, quatro no terceiro, e assim por diante, dobrando o número de grãos em cada quadrado sucessivo.

Inicialmente, o rei riu, considerando o pedido do sábio trivial e concordando de bom grado. No entanto, à medida que os servos do rei começaram a colocar os grãos de acordo com as especificações do sábio, a verdadeira natureza do pedido tornou-se visível. Quando chegaram aos quadrados do meio do tabuleiro, a quantidade de grãos necessária tinha crescido exponencialmente, inchando até quantidades vastas que esticavam os recursos do reino ao limite.

No 64º quadrado, a quantidade de cereal necessária era astronómica, muito além da capacidade do rei de fornecer. O reino enfrentava a ruína sob o peso deste pedido enganosamente simples,

um pedido que ecoava o crescimento exponencial da minha própria dívida ao *capo*.

À medida que a ópera concluía, o *capo* vestiu um sobretudo leve, adequado para o frio de 12°C lá fora. Um dos seus homens entregou-me uma *pen drive*.

“Complete esta missão com sucesso e a sua dívida será saldada,” afirmou ele claramente, lançando-me uma tábua de salvação com um toque de desdém.

Deixado sozinho com a *pen* na mão, o peso do que me foi pedido pairava grande. À medida que o *capo* e o seu séquito desapareciam, eu era o último a sair, ponderando a natureza da missão que poderia libertar-me ou enredar-me ainda mais na teia da Cosa Nostra.

Senti a emoção familiar de um escritor não numa história ordinária, mas talvez no primeiro capítulo do meu terceiro livro, uma narrativa encoberta sob o disfarce de um pseudo-escritor—uma *persona* que tinha criado para proteger a minha verdadeira missão. Cada batimento cardíaco era um tic da máquina de escrever, cada respiração uma palavra gravada no manuscrito clandestino da minha vida, onde a minha caneta era mais poderosa do que nunca. Eu estava a fazer mais do que escrever uma estória; estava a vivê-la, cada decisão um *twist* na trama, cada consequência um *suspense*. Eu não era apenas uma personagem no meu livro, mas o autor do meu próprio destino, esforçando-me para me libertar das profundezas do labirinto em que tinha entrado.

2

A Ilusão do Chapéu Panamá

Lucca, Itália

As exatamente 15h00, aterrei no pequeno Aeroporto Internacional Galileo Galilei em Pisa. Assim que as rodas tocaram o solo, liguei o meu telemóvel. O som familiar de um *email* a chegar recebia-me—uma mensagem protegida pelo ProtonMail, um serviço que se orgulha da sua encriptação de ponta-a-ponta, sem registos de IP e baseado na Suíça, uma fortaleza de leis de privacidade—perfeito para comunicações delicadas.

O *email* da Toscin detalhava o meu alojamento: “Grand Universe Lucca, Piazza Del Giglio 1, 55100 Lucca, Itália.” Preciso, como uma migalha de pão num labirinto, a mensagem insinuava o próximo *twist* numa trama que se adensava a cada minuto.

Liguei imediatamente para a Toscin do meu Bittium Tough Mobile 2 C.

“Olá Toscin,” disse assim que a chamada se ligou.

“Bom ouvir-te. Vais encontrar-te com o Vittorio Rossi em Lucca às 17h30. *Caffetteria Turandot*, Piazza San Michele, Lucca. Ele é o advogado envolvido no negócio do AC Milan desde 2022,” a Toscin informou-me com eficiência.